

Discurso de Posse do Professor Cândido Rangel Dinamarco

Cândido Rangel Dinamarco

“Somos passado e futuro,
presente de indagações,
pedra de sonhos crescendo
no Largo de São Francisco.”

A primeira palavra de um filho destas Arcadas, ao ascender à tribuna da cátedra, por dever do coração há de ser uma palavra de amor ao berço de suas primeiras curiosidades e primeiras visões deste intrincado mundo da ciência do direito. Com o poeta Paulo Bonfim, quero dizer que me sinto neste momento um produto das heranças e memórias do meu próprio passado nas Arcadas e do passado histórico que elas retratam e representam, em direção ao futuro dos ideais gerados aqui e aqui desenvolvidos e conscientizados. O presente é um ponto de tensão entre o passado e o futuro e nós de São Francisco somos sempre e seremos condicionados pelo orgulho do passado de glórias e devotamento dos nossos antepassados, pelo próprio direito, pela justiça e pela liberdade. Que o futuro de cada um de nós seja uma autêntica projeção dos sonhos e dos ideais vindos do passado e transmitidos de geração em geração, nas salas de aula, no convívio do pátio, à sombra das Arcadas.

Este é o momento mais importante, de toda a minha vida nestas Arcadas de São Francisco. É o resultado almejado de dezesseis anos de vida profissional e de sonhos acalentados na atividade docente na Academia. E, chegando à culminância da carreira ainda antes de completar meio século na minha existência, fico benevolente a indagar se Deus não foi demasiadamente e dádivo comigo e me pergunto o que fiz para merecer toda essa alegria. A resposta que encontro está no amor tão grande que devoto a essa minha missão de professor, a essa vida entre as Arcadas tradicionais e à juventude que vem aqui em busca de preparação para a vida profissional. Quero de público dizer que o que pratico aqui é menos o aprimoramento de idéias e muito mais a dedicação a esses jovens, que são a razão de ser de toda a nossa atividade e em razão dos quais a própria Faculdade existe. É deles, antes de tudo, o sucesso que acabo de obter.

E quero também dizer que este momento solene e muito importante de minha vida de professor representa, para mim, ao mesmo tempo, um ponto de chegada e um ponto de partida.

Que seja um ponto de chegada, é fácil de compreender e praticamente intuitivo. Chego à cátedra de São Francisco carregado de entusiasmo por ela e animado por sonhos que vêm da juventude. E não chego sozinho. Chegam comigo todos aqueles que, por modos diferentes, me impeliram até o ponto a que consegui chegar. É deles a minha vitória. E vão desfilar, na minha lembrança, os vultos das pessoas em que fui me apoiando, desde a remota infância em Guaratinguetá. Vejo o meu velho avô, que sempre acreditou em mim e com desvelo quis tudo me dar para que eu progredisse e pudesse ser feliz. Vejo o meu pai, promotor público idealista pela justiça e pela liberdade, espelho de ideais também desenvolvidos aqui em São Francisco e modelo na minha formação de jurista e de homem. Vejo o vulto de minha mãe, dedicada com abnegação, nos momentos mais difíceis. Vejo os irmãos, os amigos de então e de agora, vejo a presença paciente e solidária da Laís e vejo os meus três filhos Fábio, Cândido e Pedro, num convívio perene que alimenta e fortalece. Vejo os meus dezoito anos no Ministério Público de São Paulo, ninho de autênticos ideais e berço de uma sólida formação voltada ao interesse público e à preocupação pelo bem-estar social. Vejo essa minha intensa participação nos rumos da Justiça de São Paulo, entre os magistrados que são meus amigos e companheiros e que constituem o esteio maior dos verdadeiros princípios jurídicos e democráticos do Estado-de-direito brasileiro. A sombra dos promotores de justiça e dos juízes de São Paulo, com os quais convivo e entre os quais me incluo desde os primórdios de minha vida profissional, constitui inestimável fonte de entusiasmo e segurança, sem a qual o progresso universitário não teria sido possível. E, neste momento de chegada, chegam comigo, em posição destacada, os vultos dos generosos patronos desses meus sonhos e da minha carreira. Aqui estão, lado a lado comigo, aquele que desde os tempos acadêmicos foi o grande incentivador de uma carreira que depois acompanhou e incentivou com o devotamento de autêntico mestre, verdadeiro pai, e a quem, reverenciando com toda a gratidão, nunca estarei reverenciando suficientemente; e aquele que, depois, além do Oceano, me recebeu generosamente e com os braços abertos, desenvolvendo em mim uma vocação e alimentando-me com lições que me acompanham em toda a minha carreira. Esses dois patronos e incentivadores, que agora aqui chegam comigo, sabem todos os meus amigos que são Luís Eulálio de Bueno Vidigal, aqui presente para minha alegria, e Enrico Tullio Liebman, que hoje é uma saudade vivamente acalentada na memória de todos os processualistas brasileiros.

Ninguém pensa sozinho, nem o que pensa é fruto exclusivo de sua mente e de sua criatividade. Todos somos frutos de uma civilização e depositários de um acervo cultural formado por gerações. O que penso, o que sei, o que escre-

vo e ensino, nada disso é meu. Num momento, encontram-se neste cérebro, nesta voz, nesta pena, nesta pessoa, encontram-se e combinam-se, idéias que vêm de quadrantes diferentes e que de alguma forma se acomodam e determinada forma vão tomando. É assim que me sinto, como portador das idéias que transmito. Considero-me integrado nesse conjunto de idéias e princípios que identificam uma escola de juristas. É a nova Escola Processual de São Paulo, a mesma que Liebman fundou e que hoje reaparece com forças novas e renovado ideal. O pensamento processual formado nestas Arcadas e desenvolvido entre os jovens mestres dos anos quarenta, expandiu-se e deixou de ser patrimônio dos paulistas, para ser então um verdadeiro pensamento processual brasileiro. Mais que de São Paulo, passou a identificar-se uma Escola Processual Brasileira. E, agora, novo alento aqui vem bater, novos rumos toma a Escola Paulista. É o pensamento moderno aqui instalado e desenvolvido, voltado à perspectiva instrumentalista do processo como meio de participação política e de satisfação dos fins sociais do próprio Estado. Já se encontra nas sepulturas do passado remoto a visão sincrética do processo como mero apêndice do direito privado. E, entre nós, vai ficando superado também o pensamento que foi responsável pela superação dessa idéia e que, afirmando a autonomia do processo, foi capaz de proporcionar, neste século, o fino aprimoramento dos conceitos em direito processual. Na Escola Processual de São Paulo, vamos vigorosamente afirmando que os conceitos que temos já são mais do que suficientes para o que deles queremos; que o processo não é valor em si mesmo, mas instrumento do Estado para a realização de objetivos preestabelecidos. Desenvolvemos a idéia de que tudo há de ser feito, neste quadrante metodológico da ciência processual, para tornar efetiva a utilidade desse instrumento e para que a promessa de justiça não seja mera promessa mal cumprida e para que a Justiça seja realmente aberta a todos e a todas as suas causas, qualquer que seja a sua natureza e por menor que seja sua dimensão econômica. Essa é a nova Escola Processual de São Paulo, da qual participo orgulhosamente, compartilhando com Ada Pellegrini Grinover e Kazuo Watanabe desses ideais instrumentalistas que constituem os novos ventos da moderna ciência do direito processual.

No desenvolvimento dessas idéias, muito resta ainda por fazer. E por isso é que disse que este momento de chegada ao ápice de minha carreira universitária constitui também, para mim, um ponto de partida. Quero neste momento, solenemente, fazer a promessa de voltar-me para a Academia, com o fruto e minhas indagações e produto do que aqui venho pensando e aprendendo, para aos nossos estudantes levar esse novo pensamento que enriquece e dignifica o direito processual. Quero desenvolver com eles, nos bancos do curso de formação e nos debates de pós-graduação, essa perspectiva contemporânea que em si mesma constitui a grande esperança de aprimoramento do sistema. Falta ainda muito para termos um processo verdadeiramente aberto para todos os valores da sociedade, acessível a todos, um processo rápido e eficaz, um processo verdadeiramente justo. Com imenso idealismo, proponho-me a voltar-me aos meus

estudantes com propostas e idéias destinadas à descoberta dos rumos corretos a imprimir ao nosso sistema processual, na esperança de que, juntos, algo possamos fazer por uma Justiça mais justa.

E quero dizer, por fim, que, sendo mero porta-voz de um pensamento que não é meu mas integra o ideário de uma Escola a que pertenço; no que prometo não vejo mais do que o cumprimento de um dever inerente à minha condição de professor e de cidadão. O que testemunho na minha diuturna experiência de magistrado, o que sinto nas angústicas das partes sobre cujos destinos influo ao julgar, o que aprendo dos nossos mestres, tudo isso que em minha mente se processa e vai tomando a forma que sou capaz de criar –, tudo isso pertence legitimamente aos meus estudantes, que são a razão de ser de todo esse labor e cuja formação é a razão maior da nossa Academia. Quero ser sempre e somente uma voz dessa idéias e uma peça destas Arcadas, que foram de meu pai, que são minhas e também são e serão dos meus filhos. Quero ser sempre um filho desta Academia e com o poeta dar nossas tradições acadêmicas, cantar os seus ideais e a sua glória, que não são minhas e de ninguém porque são de todos nós e não são do passado, presente ou futuro, porque são eternas:

“Pela memória da terra,
pelos segredos do pátio,
pela prece das Arcadas,
pela aurora das paredes,
pelo mistério das salas,
pelo grito das estátuas,
pela voz da escadaria,
pela clareira do Largo,
pela bênção dos telhados,
pela alma dos poetas,
pelo martírio de heróis,
por tudo que é São Francisco,
por tudo que é mocidade,
seja nossa vossa causa,
seja vossa nossa luta,
e por paixão, rebeldia,
sede de amor, de justiça,
viva em nós a rosa agreste
e escreva com seus espinhos
e grave com nosso sangue,
em muros, mares e ventos
a palavra liberdade!”